

LINGUASAGEM

RESENHA: NICOLELIS, Giselda. **Rumo à liberdade**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Pablyne Samara Barbosa Gobira¹
Dayse Rodrigues dos Santos²

O livro infanto-juvenil *Rumo à liberdade*, da premiada Giselda Laporta Nicolelis, foi publicado no ano de 1983, com ilustrações de Marcelo Cipis e produção gráfica de Fernando Dalto Degan. A segunda edição, publicada em 2003 pela editora Moderna, contém 56 páginas. A cor clara da capa se contrapõe ao pássaro que sobrevoa em direção contrária ao leitor, assim como as letras cursivas vermelhas do título. Ao professor mediador, esses detalhes poderiam auxiliar no engajamento pré-leitura, uma vez que esses elementos simbólicos podem antecipar o conteúdo do livro. Quanto às ilustrações internas, vê-se que elas atuam como uma tradução intersemiótica do texto escrito, tendo sido pouco aproveitadas para enriquecer as metáforas que poderiam fazer ao se imbricar verdadeiramente.

A narrativa é dividida em duas partes: na primeira, narra o presente; e na segunda parte, o passado. A obra traz a história do jovem Luiz que perdeu o seu pai quando tinha dez anos de idade, em um trágico acidente de carro. O garoto, então, ficou morando apenas com sua mãe, Lígia, que trabalhava em um hospital como enfermeira e se ausentava devido as demandas do trabalho. Luiz passava boa parte do seu dia sozinho, sentindo uma solidão devastadora. Seu avô, Horácio, percebeu a tristeza do neto e decidiu que tinha que tomar uma providência para resolver o problema do menino. Então pensou que um animal de estimação seria uma boa opção de companhia. E a ideia do Senhor Horácio deu certo: ele presenteou seu neto com um filhote de Vira, uma espécie de pássaro preto, que se transformou em um grande amigo para Luiz.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Docente da Prefeitura Municipal de Formosa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1976800297008861>. E-mail: pablyne.gobira@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6320-9336>.

² Doutoranda em Estudos linguísticos e literários em inglês pela Universidade de São Paulo. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/Santarém Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4788546196514727>. E-mail: dayse.rodrigues@ifpa.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0795-0239>.

Na primeira parte do livro, que aborda o presente da narrativa, Luiz se forma em medicina e recebe uma proposta de trabalho para clinicar em uma cidadezinha vizinha que fica no extremo Oeste de São Paulo, chamada Vão das Pedras, quase divisa com Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A prefeitura havia inaugurado um posto de saúde, pagava bem e estava precisando de um clínico geral. A princípio, Luiz fica indeciso e conversa com seu avô e sua mãe sobre ir trabalhar numa cidade tão longe deles. Sua mãe aceitou e seu avô disse que havia chegado a hora de ele bater as asas. Luiz sorriu e lembrou-se do dia que seu avô falou isso para ele quando o filhote de Vira-Mundo tinha voado em fuga.

Luiz aceita a proposta e vai trabalhar nessa cidadezinha de apenas dez mil habitantes, que não tinha nenhum tipo de divertimento. O lazer da população era pescar no rio da cidade, largo com águas limpas. Luiz se adaptou à cidade, consultou muita gente, fez muitos partos, tratou pneumonia e até cuidou de uma égua manga-larga com a perna quebrada.

Passara um ano que Luiz tinha chegado à cidade. Demorou até ele conquistar a confiança daquela gente desconfiada, mas, com seu jeito simples e sua cortesia, ele conseguiu e virou o médico da cidade. E seja por sorte, por dedicação ou por competência, mais as orações da mãe lá em São Paulo, ele, esse ano todo, não perdera nenhum paciente, a não ser a dona Nhanhã, um caso à parte, que morrera de velhice aos noventa e nove anos. Sua fama se espalhou e chegou à cidade grande, deixando seu avô Horácio orgulhoso.

Luiz volta a São Paulo e, pelas doze horas dentro do ônibus, fica pensativo e lembra-se do passado de menino solitário. Pegou seu bloco de receitas e escreveu alguns de seus dias de infância, revivendo algumas emoções. Ao chegar, pegou um táxi e foi para sua casa - nem tocou a campainha - girou a chave na fechadura e encontrou seu avô dormindo, enquanto sua mãe estava trabalhando. E logo pensou e comparou-se com um pássaro livre que um dia batera as asas e agora estava de volta. No final, Luiz acabou entendendo que o importante mesmo na vida era amar e ser amado.

A narrativa construída em dois tempos – passado e presente – atende ao potencial propósito de explicar que a vida se constrói em ciclos. Ou seja, o que se vive na infância reverbera de algum modo na vida adulta. Ao iniciar com o protagonista já adulto, sendo desafiado a ir morar e trabalhar em uma outra cidade, o enredo já incita ao questionamento do porquê se deixar o lugar onde vive em busca de outro, deixando pistas de que muitas são as razões e que nem sempre quem toma essa decisão está suficientemente convicto.

Ao retomar o passado, para explicar esses deslocamentos e legitimar a sabedoria dos mais velhos, a narrativa é conduzida na expectativa da previsível fuga do pássaro. O ponto chave está no fato de que não importa o quanto o garoto ame o pássaro e este se sinta amado, em algum momento a separação se consumará. Então, o retorno não poderia ser garantido, pois dependia do outro poder e querer retornar algum dia. Situação oposta à de Luiz, quando relembra essa história no seu trajeto à casa da mãe e do avô.

Para Peter Hunt (2010), o que é importante para o leitor varia conforme sua formação geral, e o modo como ele chega aos sentidos é subjetivo. A literatura, em geral, explora as possibilidades da língua, considerando o tema, a forma e o estilo. Nesse sentido, o objeto desta resenha, destinado a leitores em desenvolvimento, não apresenta vocabulário de difícil compreensão, ainda que possa inviabilizar, por vezes, a interpretação desejada de figuras de linguagem. Entendemos, assim como Hunt (2010), que os sentimentos evocados pela leitura são mais importantes para a criança do que o enredo em si.

Na segunda parte, um período da infância é retratado. Naquela época, o avô cuidava do menino para que sua mãe pudesse trabalhar. Ele o acordava, preparava o café da manhã, buscava na escola, e era muito companheiro. Luiz não tinha amigos, não tinha com quem brincar, não brincava na rua porque sua mãe não deixava, dizia ser perigoso; era uma criança solitária. Achava que por não ter pai era diferente das outras crianças e, por isso, excluía-se das demais, não conseguia se enturmar e, às vezes, sentia inveja das demais crianças por terem irmãos.

Luiz gostava muito de ler e seu avô ajudava comprando livros. Seus autores preferidos eram Julio Verne, Mark Twain, Monteiro Lobato e Alexandre Dumas. Descobriu, desde criança, que o livro é um amigo, e pedia dinheiro extra à sua mãe para comprar mais livros. Nesse sentido, segundo Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988), há a possibilidade de o leitor infantil buscar as formas do pensar e do sentir através da leitura literária. Nesse sentido, entende-se que “ao decifrar-lhe o texto o leitor estabelece elos com as manifestações socioculturais que lhe são distantes no tempo e no espaço” (Bordini; Aguiar, 1988, p. 9). É a socialização do leitor através de produções literárias de outrem, que permite contatos sociais de cunho estético.

Mas um dia seu avô decidiu que arranjaría um amigo para Luiz, que ficou curioso esperando seu avô chegar com esse tal amigo. O avô então chegou segurando uma caixa de papelão cheia de furos e amarrada com um barbante. Luiz ficou desapontado, pois esperava um garoto, um irmão, e não quis ver o que havia dentro da caixa, mas seu avô

insistiu para o neto abri-la. Quando abriu, ele viu um passarinho preto bem pequeno e logo perguntou: “- Um passarinho, vô? Mas que graça tem esse amigo que vai ficar preso em uma gaiola?” (Nicolelis, 2003, p. 30). E o avô responde, “ - Sim, um Vira, ele não precisa ficar na gaiola, pode ser criado como um cachorro, e vai ter de cuidar dele, e quando ele crescer você vai ter uma surpresa” (Nicolelis, 2003, p. 31).

Luiz chamou seu Vira de Vira-Mundo. Na escola, contou para os seus colegas que tinha um pássaro que não ficava em gaiola e seus colegas logo quiseram conhecer esse pássaro tão legal. O Vira-mundo andava pela casa, comia farelo de pão na mão de seu dono, era divertido e muito manso. Quando Luiz ia à padaria com seu Vira, as crianças se juntavam em sua volta para conhecer esse animal de estimação. Luiz um dia perguntou para o seu avô se o Vira-Mundo não fugiria pois eles não cortaram as suas asas. Então ele respondeu que se Luiz o tratasse ele bem, ele não fugiria.

Mas esse dia chegou. Vira-Mundo fugiu, voou, bateu suas asas e foi embora conhecer o mundo. Luiz ficou arrasado, chorou e indagou seu avô, sentindo-se enganado. Achava que o Vira-Mundo não tinha que ir embora, pois ele o tratava bem, mas seu avô Horácio explicou que “às vezes os amigos vão embora” (Nicolelis, 2003, p. 40). Mesmo assim, Luiz não compreendia e seu avô continuou explicando que se o pássaro quis descobrir o mundo, era um direito dele e que, um dia, Luiz também bateria suas asas. O menino respondeu que não, que ele nunca deixaria sua mãe e seu avô, e Horácio respondeu que ele não poderia prometer o que ele não sabia se cumpriria e que já era grandinho para entender que esse tipo de coisa acontece, por já ter vivenciado em sua vida uma experiência de perda paterna.

Luiz não aceitava que o Vira-Mundo tinha ido embora. Então, o avô comentou com o seu amigo Alcides que o Vira-Mundo tinha voado, e que havia presenteado seu neto com outro filhote de Vira. Luiz ficou imensamente feliz com o seu novo amiguinho de estimação e fez as mesmas coisas que fazia com o seu antigo pássaro. É nesse momento que o tempo presente e o passado se interconectam, pois o protagonista, em viagem de retorno para casa, percebe que ele tivera a vontade e a oportunidade de voltar para casa, diferentemente do primeiro Vira.

Esse novo pássaro parece ser introduzido na narrativa apenas com o propósito de acalmar e acalantar a criança, de modo que a tristeza não tome longa extensão. Não há evidências da relevância do segundo Vira a não ser o que ora foi mencionado. Nesse ponto, o potencial leitor poderia questionar o fato de a criança ganhar outro pássaro idêntico e colocar o mesmo nome como se fosse um novo brinquedo sem que nenhum

outro personagem fizesse esse questionamento. Esse ponto negativo faz parecer que basta substituir rapidamente uma amizade por outra semelhante para que a criança esqueça ou supere a dor da perda.

Outra vulnerabilidade da obra diz respeito à pouca autonomia do protagonista enquanto criança e ao excesso de sabedoria do avô. Luiz se mostra o tempo todo obediente, leitor ávido e comportamento exemplar, sempre seguindo o que os adultos ao seu redor lhe dizem. Talvez uma criança na década de 1980, época do lançamento da obra, não pudesse ser questionadora como se vê atualmente, mas também não pode ser tão incólume como esta da narrativa. Quanto ao avô, há todo um esforço retórico para garantir que suas falas direcionadas ao neto estejam corretas ou que se confirmem. Nos dois casos, parece haver uma idealização da criança obediente e do idoso sábio. Segundo Batista (2018), “a autora reconhece a vertente pedagógica de seus livros, assumindo, de certo modo, que a tônica de suas narrativas está predominantemente na temática”.

Entretanto, a obra cumpre seus propósitos literários, assim como contribui para a formação do jovem leitor. O enredo é envolvente e o projeto gráfico pode agradar o seu público potencial. A escrita poeticamente clara com discursos diretos dá dinamicidade à leitura, assim como o criativo uso dos recursos linguísticos. Portanto, pode-se dizer que obras como *Rumo à liberdade* promovem a formação do leitor, uma vez que alguns temas abordados fazem parte da vida desses jovens e remetem às lembranças de suas próprias vidas. O texto literário faz com que o leitor relacione a obra com a realidade. Quando entende que a vida apresenta momentos tristes, crianças e adolescentes buscam lidar com esses sentimentos e emoções como na história. Lidar com perdas, medos e inseguranças podem interferir na maneira que a criança se relaciona com o mundo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Valdirene Barboza de. Tese de doutorado na Universidade Estadual Paulista: **A jornada do herói nas narrativas juvenis de Giselda Laporta Nicolelis**, 2018.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

NICOLELIS, Giselda. **Rumo à Liberdade**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Como referenciar esta resenha:

GOBIRA, Pablyne Samara Barbosa; SANTOS, Dayse Rodrigues dos. RESENHA: NICOLELIS, Giselda. Rumo à liberdade. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2003. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 301-306 , 2025.

Submetido em: 25/03/2020

Aprovado em: 11/11/2024